



TÉCNICAS FREINET NO ENSINO SUPERIOR: A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO É POSSÍVEL

FREINET TECHNIQUES IN HIGHER EDUCATION: THE CONSTRUCTION OF ANOTHER EDUCATION IS POSSIBLE

TÉCNICAS FREINET EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR: LA CONSTRUCCIÓN DE UNA OTRA EDUCACIÓN ES POSIBLE

53

Flávio Boleiz Júnior¹

Resumo: Como contribuição para se pensar e aprofundar as possibilidades de se fazer uma pedagogia ativa no Ensino Superior, apresento o relato de três experiências que tive a oportunidade de realizar com meus alunos na graduação e na pós-graduação *lato sensu*, utilizando técnicas desenvolvidas por Freinet e por Freire. Essas experiências permitiram aos alunos do curso de Pedagogia colocarem em prática um pouco do que vinham aprendendo desde o início de seu curso, principalmente nas aulas de Didática, acerca desses dois educadores. Também os alunos do curso de especialização em Docência no Ensino Superior, no contato com essas técnicas, tomaram contato com ideias e práticas diferentes daquelas com que habitualmente foram-se familiarizando no decorrer de sua formação.

Palavras chave: Cantos de interesse. texto livre. correção coletiva. aula-passeio. roda da conversa.

Abstract: As a contribution to think and deepen the possibilities of doing an active pedagogy in Higher Education, I present the report of three experiences that I had the opportunity to perform with my students in undergraduate and post-graduate studies using techniques developed by Freinet and Freire. These experiences allowed the students of Pedagogy to put into practice a little of what they had been learning since the beginning of their course, especially in Didactic classes, about these two educators. Also, the students of the specialization course in Teaching in Higher Education, in the contact with these techniques, came into contact with ideas and practices different from those with which they usually became familiar during the course of their formation.

Keywords: Songs of interest. free text. collective correction. class-ride. wheel of conversation.

¹Professor Adjunto no Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação - DFPE do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: flavio.boleiz@unespar.edu.br



Resumen: Como contribución para pensar y profundizar las posibilidades de hacer una pedagogía activa en la Enseñanza Superior, presento el relato de tres experiencias que tuve la oportunidad de realizar con mis alumnos en la graduación y en el postgrado lato sensu, utilizando técnicas desarrolladas por Freinet y Freire. Estas experiencias permitieron a los alumnos del curso de Pedagogía poner en práctica un poco de lo que venían aprendiendo desde el inicio de su curso, principalmente en las clases de Didáctica, acerca de esos dos educadores. También los alumnos del curso de especialización en Docencia en la Enseñanza Superior, en contacto con esas técnicas, tomaron contacto con ideas y prácticas diferentes de aquellas con las que habitualmente se fueron familiarizando en el curso de su formación.

Palabras clave: Cantos de interés. texto libre. corrección colectiva. clase motrices. rueda de la conversación.

Envio 14/05/2019

Revisão 14/05/2019

Aceite 25/08/2019

INTRODUÇÃO

Vários alunos de cursos de Pedagogia questionam aqueles seus professores que falam em educação democrática, que valorizam em suas falas — ao criticarem a educação tradicional — uma concepção progressista de escola, mas que continuam dando suas aulas expositivas, entremeadas, vez ou outra, por seminários, utilizando o modelo escolástico de aulas magistrais e de avaliações por meio de provas e trabalhos individuais. Aqui e ali — escuta-se dos alunos — alguns desses professores contribuem com alguma *inovação didática*, apresentando um *power-point* com imagens e dizeres (na maioria das vezes apenas lidos pelo professor em voz alta, como se os alunos não soubessem ler), ou um filme interessante que desencadeia uma discussão, mas que não conta para avaliação — “afinal de contas, filme é filme e aula é aula!”

Parece fato que, dentre os muitos profissionais que trabalham com educação, seja no setor público, seja no privado, pouquíssimos são os que se dedicam a um fazer docente diferente do tradicional, independentemente de trabalharem na Educação Básica ou no Ensino Superior. Alguns por não saberem, mesmo, fazer seu trabalho de maneira diferente, outros por considerarem que atividades diferentes das aulas magistrais não sejam sérias e não cumpram o papel de ensinar.

Neste artigo optei por apresentar relatos de aulas diferentes, que fogem ao tradicional, nos cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*, baseadas em técnicas desenvolvidas por Célestin Freinet e por Paulo Freire para o Ensino Fundamental com crianças e para Educação de Jovens e Adultos na modalidade “alfabetização” e adaptadas para aplicação no Ensino Superior.

A concepção que inspirou e estruturou a organização dessas aulas foi o princípio desenvolvido por Freinet acerca da Educação Popular, como forma de se realizar uma *educação voltada para os interesses de classe dos alunos* dos cursos superiores, com que tenho trabalhado — alunos advindos dos diferentes extratos sociais, mas representantes, em sua maioria, das classes populares das cidades da Região Metropolitana de São Paulo. Trata-se de alunos que vão à instituição educacional, como diria Paulo Freire, com sua leitura de mundo realizada a partir de sua maneira de estar no mundo, em contato com a

realidade, e que, na maioria das vezes — praticamente na totalidade das vezes —, não têm condições de dizer a sua palavra (FREIRE, 2000), em função do envolvimento a que estão submetidos pela ideologia do modo de produção capitalista que rege a sociedade.

EDUCAÇÃO POPULAR

A expressão “educação popular” é aqui utilizada de acordo com as noções, com que trabalharam Freinet — de uma educação afinada com os interesses das classes populares — e Freire — de uma educação libertadora.

As décadas de 1920 e de 1950 ficaram para trás. Várias pesquisas se desenvolveram acerca dos trabalhos de Freinet e de Freire, mas nem o socialismo se estabeleceu em todo o mundo — como acreditava Freinet que aconteceria como consequência da revolução soviética —, nem a educação alcançou seu patamar popular libertador — como desejava e pelo que lutava Freire —, alinhado com os anseios e interesses das classes populares.

Incomodado com as críticas que escutei dos alunos de diversas instituições de Ensino Superior, em cursos de Pedagogia, em licenciaturas e cursos de especialização para graduados (pós-graduação *lato sensu*), relativamente à “distância abismal” estabelecida entre o discurso e a prática docentes, decidi investigar, refletir e assumir o desafio de produzir aulas progressistas afinadas com as ideias freinetianas e freirianas, no Ensino Superior, sem fugir do *foco* das disciplinas que tenho lecionado.

Explícito, a seguir, as experiências desenvolvidas no curso de graduação em Pedagogia e, em seguida, no curso de pós-graduação *lato sensu* em Docência no Ensino Superior, como forma de incentivo a *um outro* trabalho em nossas universidades.

No final do primeiro semestre de 2010 — durante os últimos dias do mês de junho — recebi, da coordenação de uma das instituições em que trabalhava, a incumbência de, no segundo semestre, ministrar as aulas da disciplina “Prática de Ensino em Educação Infantil” para uma turma de 3º período do curso de Pedagogia². Para tanto, resolvi

² Na instituição em questão, o curso de Licenciatura em Pedagogia é organizado em sete períodos de um semestre letivo cada, de modo que o curso tem duração total de três anos e meio.

procurar alguma literatura que me auxiliasse a estabelecer uma prática docente diferenciada em minhas aulas, de modo que além do conteúdo teórico estabelecido na ementa da disciplina, também pudesse apresentar aos alunos um conteúdo de outra natureza: um jeito diferente de fazer aula que cada um deles pudesse analisar, problematizar e transformar de acordo com seu próprio estilo.

A primeira ideia que me veio à mente foi pensar num modo de trabalhar com educação popular, nos moldes de Célestin Freinet, com os alunos de Pedagogia. Afinal de contas, meus alunos eram, em sua maioria absoluta, advindos das classes populares — das periferias e bairros populares das zonas norte e leste da Região Metropolitana de São Paulo. Vários deles eram migrantes ou filhos de migrantes, originários do norte do estado de Minas Gerais ou de estados nordestinos. Descendentes de gente com nenhum ou quase nenhum estudo, muitos desses alunos são os primeiros dentre seus familiares a frequentar a universidade. Sua luta cotidiana para conseguir estudar envolve desde privações financeiras, que os obriga a trabalhar em serviços informais nos finais de semana como meio de complementação do salário e ampliação do parco orçamento familiar, definhado pelo valor a ser pago à instituição superior de ensino, até carências afetivas nas relações amorosas ou familiares, causadas pela escassez de *tempo livre* para o namoro ou a dedicação aos pais, cônjuges e filhos.

Em minhas reflexões percebi que a pedagogia de Freire, voltada para a libertação dos educandos na sua relação de opressão com as classes hegemônicas em que ocupam sempre o papel de oprimidos, apresentava-se como via valiosa para o estabelecimento de um trabalho docente de caráter popular libertador.

Optei por reler e aprofundar a obra de Freinet e me detive por maior tempo no livro “Para uma escola do povo” que, como seu subtítulo anuncia, propõe-se constituir um “guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular” (FREINET, 1969, p. 5). Aproveitei para retomar, também, a leitura de “Pedagogia do oprimido”, de Freire, como fonte para inspiração da concepção pedagógica do trabalho a realizar.

A vida nos bairros populares e nas periferias das zonas norte e leste de São Paulo não é nada fácil, e é nessas regiões, principalmente, que moram os alunos com que trabalhei na instituição em que desenvolvi as experiências que seguem. Distantes do centro da cidade, seus habitantes muitas vezes gastam mais de uma hora para chegar ao trabalho ou à universidade. As aulas iniciavam-se às 7h30. Algumas de minhas alunas relataram ter que despertar diariamente por volta das 5h para conseguirem chegar à faculdade a tempo do início da primeira aula.

Apesar de se tratar de um guia prático escrito para uso na escola básica, a leitura da obra de Freinet suscitou minha curiosidade, fazendo-me imaginar como seria a experiência cotidiana daquelas técnicas no dia a dia da sala de aulas do Ensino Superior.

Há vários anos estudando a obra de Paulo Freire e há alguns anos as técnicas de Célestin Freinet, ultimamente tenho participado do movimento de educadores Freinet do Brasil, tomando parte nas discussões da Pedagogia da Escola Moderna pela internet e em encontros presenciais, com o que tenho aprofundando, pouco a pouco, meu conhecimento acerca do trabalho em algumas escolas situadas, principalmente, na capital e no interior de São Paulo, no Paraná e em Minas Gerais. No ano de 2010, durante a segunda quinzena de julho, tive a oportunidade de participar da Reunião Internacional de Educadores Freinet (Ridef), realizada na cidade de Nantes, na França, durante a qual pude aprender ainda mais e trocar experiências a respeito das técnicas “Freinet”, da história da “Escola Moderna” e da “Educação Popular e Cooperativa”, concebidas pelos educadores que trabalham com a pedagogia “Freinet” em diferentes países. Durante a Ridef também pude animar uma roda da conversa sobre as aproximações entre as ideias de Freinet e Freire, com a participação de educadores de vários países da América Latina e da Europa.

No transcorrer dos ateliês de que pude participar — os educadores da Pedagogia Freinet preferem o substantivo “ateliê” ao “oficina” —, reforcei a aprendizagem de três técnicas da Escola Moderna — os “trabalhos em cantos de interesse”, as “rodas da conversa” e as “aulas passeio”, — e pude aprender outras duas novas para mim — “produção do texto livre” e “correção coletiva”.



Num momento mais apropriado, aproveitei para conversar bastante sobre essas técnicas com alguns educadores do Ensino Superior do Brasil, do México, da Espanha, de Portugal, da Itália, e vários outros países, que têm procurado desenvolver uma maneira de aplicação de tais técnicas nos cursos de Pedagogia e de pós-graduação em seus países.

O desafio de desenvolver um trabalho docente no Ensino Superior de maneira tão diferenciada da usual “aula magistral” não é algo que se possa considerar, exatamente, novo. Educadores importantes, no decorrer da história, já o fizeram, demonstrando sua factibilidade. Se considerarmos o trabalho de Sócrates com seus discípulos como Ensino Superior, podemos observar um grande diferencial em sua técnica — a Maiêutica. Dando um grande salto no tempo, a título de exemplo muito esclarecedor, poder-se-ia evocar, a experiência de Joseph Jacotot, que em princípios do século XIX, descobriu uma nova técnica educativa com alunos universitários, que além de proporcionar a apreensão do conhecimento, contribuía para com a emancipação dos discentes. Segundo Cileda Perrella, Jacotot discute “a questão da igualdade das inteligências e da emancipação intelectual diante da atuação do mestre explicador e do mestre ignorante” (PERRELLA, 2011, p. 91), considerando a igualdade de inteligência como objetivo, e não como ponto de partida para o trabalho pedagógico, com o que “inverte a lógica da discussão da superação da desigualdade” (PERRELLA, 2011, p. 91).

Conheçamos um pouquinho melhor pelo menos uma das experiências de Joseph Jacotot, como ilustração para a questão aqui proposta. Nascido em 1770, segundo Jacques Rancière (2005), Jacotot percorreu uma carreira acadêmica que, após ter servido ao exército, o levou a lecionar Retórica, Análise, Ideologia e Línguas Antigas, Matemáticas Puras e Transcendentes e Direito, além de trabalhar como secretário do Ministro da Guerra e ter sido escolhido deputado durante o período da primeira república, na França. Com a volta da monarquia, Jacotot foi forçado a buscar o exílio na Holanda. Ali, “por liberalidade do rei dos Países-Baixos, [Jacotot foi agraciado com] o posto de professor em meio período” (RANCIÈRE, 2005, p. 17). Sem conhecimento da língua holandesa, ao ser procurado por alunos que tampouco conheciam a língua Francesa, mas que desejavam tomar aulas consigo, Jacotot tomou a decisão de passar-lhes uma tarefa, por



meio de um intérprete, que julgou tratar-se de uma maneira de se livrar do inconveniente de ter que lecionar a alunos que não poderia compreender e para quem não se faria entender. Como soubera que se publicara Telêmaco em versão bilíngue (holandês e francês) em Bruxelas, ele indicou a obra aos estudantes e lhes solicitou que aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês. Quando eles haviam atingido a metade do livro primeiro, mandou dizer-lhes que repetissem sem parar o que haviam aprendido e, quanto ao resto, que se contentassem em lê-lo para poder narrá-lo. (RANCIÈRE, 2005, p. 18)

O resultado da tarefa, entretanto, surpreendeu o professor francês e a prática que propôs superou suas perspectivas. “Ele solicitara aos estudantes assim preparados que escrevessem em francês o que pensavam de tudo quanto haviam lido” (RANCIÈRE, 2005, p. 18), mas, surpreso, descobriu que os discentes, sozinhos, haviam se dado muitíssimo bem relativamente a tão complexa conjuntura — tal como ter-se-ia saído bem qualquer francês.

Essa experiência revolucionou a maneira de Jacotot compreender a educação, a instrução e o ensino. Ele que sempre acreditara — e professara —, como tantos docentes ainda acreditam e professam contemporaneamente, que “ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimentos e formar espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo” (RANCIÈRE, 2005, p. 19), passou a defender a ideia de que

é preciso inverter a lógica do sistema explicador. A explicação não é necessária para socorrer uma capacidade de compreender. É, ao contrário, essa *incapacidade*, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. (RANCIÈRE, 2005, p. 23; grifos no original)

Tendo feito sua descoberta, Jacotot continuou experimentando-a em aulas e atividades didático-pedagógicas variadas, sempre encontrando êxito em seus feitos.

Contemporaneamente, outros professores universitários também têm arriscado percorrer a senda da organização de um trabalho diferente. Atualmente conheço alguns colegas que têm trabalhado em Minas Gerais, no interior de São Paulo, no Paraná e em



outros países — como México, Espanha, França, Itália etc. —, com quem tenho me correspondido e conversado, tentando animar e me animar, o que tem proporcionado um bem-estar profissional e êxito no trabalho docente.

Em Minas Gerais, na Universidade Federal de Uberlândia, por exemplo, o educador Flander Calixto, há vários anos, utiliza uma técnica que mescla interpretação teatral, poesia e relações diretas entre os acadêmicos e as populações da periferia, para o ensino de diferentes disciplinas da Educação e do Serviço Social. Sua prática inspirada na poesia e na prosa de Guimarães Rosa e encharcada pelas ideias de libertação colhidas na obra de Freire, a partir de sua interação com o movimento da Escola Moderna, passou a englobar um pouco das técnicas de Freinet, recriadas dentro de seu próprio *estilo mineiro freiriano e poético* de ser professor.

No interior do estado de São Paulo, ministrando cursos de extensão na Universidade de Campinas, trabalha a Professora Gláucia de Melo Ferreira, ensinando as técnicas Freinet *por meio de* técnicas Freinet. Diretora da Escola Curumim (de Educação Infantil e Ensino Fundamental), semeia entre educadores campineiros e de todo o entorno da Grande Campinas os ideais da Pedagogia do oprimido por meio de técnicas da Escola Moderna.

Em Curitiba, trabalhando na docência e escrevendo livros para adultos e crianças, a professora e escritora Glória Kirinos reconta em verso e prosa sua experiência na Universidade Federal do Paraná utilizando as técnicas da Escola Moderna juntamente com os princípios educacionais de Paulo Freire.

São muitos e muitos outros exemplos que se poderia apresentar, mas que não se fariam suficientes para retratar o trabalho de reinvenção de Freinet e Freire no Brasil e no mundo.

A seguir passo a descrever as técnicas com que eu tenho trabalhado, na realidade universitária, comentando os resultados que tenho aferido nesse processo. Vou iniciar pelas experiências no curso de Graduação em Pedagogia.

CÍRCULOS DE CULTURA PARA LEVANTAMENTO DA LEITURA DO MUNDO DA CLASSE

Logo no primeiro dia de aula, no curso de Graduação em Pedagogia, apresentei aos alunos a ideia de realizarmos, durante nosso curso, um trabalho muito prático, diferente do que se vê nas diversas disciplinas acadêmicas em geral.

Inspirado nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, reuni os alunos numa grande roda de conversa, em que falamos sobre Educação Infantil. Numa conversa que se iniciou muito tímida, fomos abordando a visão de infância, de educação, de cuidado com as crianças, das características de cada fase do crescimento e muitas outras coisas mais. Os alunos foram se soltando e se posicionando. Explicitaram-se muitos posicionamentos que iam do preconceito — principalmente com o cuidado, considerado por vários alunos como “coisa de babá” — ao amor declarado por muitos deles às crianças e ao seu jeito de ser e estar no mundo. Aprofundamos questões relativas à violência doméstica e à agressão física, e aproveitamos para conversar sobre a agressão escolar dissimulada em tarefas escolasticizadas e regras disciplinares em desacordo com as necessidades infantis. A conversa se estendeu até o final do nosso horário de aula e continuou no dia seguinte, com entusiasmo maior a cada momento.

A certa altura, iniciaram-se os questionamentos, prenhes de vontade de fazer a diferença no trabalho com os pequeninos, impregnados de dúvidas e de confusão: como fazer? Como trabalhar com as crianças respeitando seus interesses de classe, contribuindo para com sua libertação? Quais são as técnicas, qual o método, qual a “receita” para se conseguir fazer uma educação diferente e da melhor qualidade?

Aprofundamos a conversa mais um pouco. Falamos sobre o trabalho educativo baseado em métodos prontos e herméticos e em receitas preconcebidas e transformadas, muitas vezes, em apostilas que se espalham por diferentes lugares do país todo, como se os costumes, hábitos e culturas não se diferenciasssem e as necessidades comunitárias e regionais não tivessem importância educacional.

Manifestando vontade de aprender a trabalhar com as concepções freiriana e freinetiana, os próprios alunos questionaram: seria possível aprender a fazer uma educação diferente a partir de experiências novas na própria universidade?

Prontifiquei-me a estudar e preparar as aulas para que pudéssemos fazer um curso utilizando as concepções sobre as quais vínhamos conversando. Os alunos se entusiasmaram e se prontificaram a ajudar no que fosse possível. Busquei minhas anotações, revisei alguns textos de Freinet e de Freire e elaborei um plano de trabalho.

TRABALHOS EM CANTOS DE INTERESSE E RODA DA CONVERSA

Sugeri que a classe, que contava com 30 alunos, se dividisse em cinco grupos para desenvolvimento de um trabalho com caráter coletivo no decorrer de todo o semestre. Deixei a turma à vontade para formação dos grupos e em seguida ofereci uma lista de temas para que cada grupo escolhesse um para trabalhar. Expliquei que cada grupo abordaria o tema de interesse durante todo o semestre e destaquei que, em cada trabalho que produzissem, deveriam relacionar seu tema com a Educação Infantil.

Os temas propostos foram os seguintes: “educação e trabalho”, “educação e meio ambiente”, “ética e cidadania”, “diferentes concepções educacionais”, “inclusão escolar”, “disciplina em sala de aula”, “festas e eventos na escola”, “relações entre escola e família”, “a arte na educação infantil”, “protagonismo da criança”.

Os grupos tiveram liberdade para a escolha de seus temas, mas combinamos que não poderia haver dois grupos com a mesma temática para estudo e que, caso aparecessem dois grupos com a pretensão de trabalhar o mesmo tema, seriam os próprios alunos que deveriam encontrar uma maneira de resolver a questão.

Pouco acostumados a resolver questões coletivas, os alunos ficaram inseguros, pedindo que eu realizasse um sorteio entre os grupos que optassem por um mesmo tema, mas eu insisti que eles deveriam resolver a questão entre si para me trazerem a relação de grupos com seus respectivos temas de trabalho.



Após uns poucos minutos de conversa — não mais que 15 ou 20 minutos — cada grupo já contava com seu tema e as questões de coincidência de interesse por mesmos temas já estavam resolvidas.

As escolhas dos grupos foram as seguintes: “educação e trabalho”, “educação e meio ambiente”, “ética e cidadania”, “diferentes concepções educacionais”, “inclusão escolar”, “disciplina em sala de aula”.

Na grade semanal de horários, contávamos com aulas que duravam uma hora e meia nas segundas-feiras e uma hora e meia nas terças-feiras. Propus um esquema de trabalho que implicava pesquisa, discussão e aprofundamento no tema próprio de cada grupo, nas segundas-feiras, e apresentação dos destaques desse trabalho ao restante da sala nas terças-feiras. Expliquei que eu traria todas as semanas, na segunda-feira, alguma referência para cada grupo, com livros, revistas e artigos relativos aos seus temas de trabalho. Pedi que cada membro do grupo procurasse e trouxesse materiais para seu trabalho de aprofundamento.

A cada segunda-feira os grupos se reuniam em sala de aula para os trabalhos de pesquisa, discussão e aprofundamento. Cada um dos grupos de interesse — foi assim que passamos a chamar cada um dos grupos em que a turma se dividiu — recebia um ou dois materiais levados por mim para a sala de aula, que juntavam aos materiais trazidos pelos alunos da turma. Liam e discutiam as ideias suscitadas pelos materiais e produziam um “mini relatório” de atividades realizadas no dia.

Para confecção dos mini relatórios, cada grupo recebia uma parte de uma folha sulfite (tamanho A4) cortada em quatro, que assumia a função de ficha de relatório. No anverso dessa ficha, cada grupo deveria escrever um pequenino relato de dois ou três parágrafos sobre o que de mais importante houvesse encontrado em suas discussões no dia. No verso da mesma ficha, cada grupo deveria anotar três tópicos considerados os mais importantes dentre os assuntos discutidos durante a aula.

No dia seguinte — na terça-feira — a atividade realizada era uma roda da conversa em que cada grupo apresentava aos demais alunos da turma seu resumo e os três tópicos mais importantes da discussão e pesquisa do dia anterior. Com a minha mediação, era

discutido cada tópico importante trabalhado por cada um dos grupos, de modo que todos da turma ficavam cientes das pesquisas dos demais grupos, debatendo e inteirando-se dos assuntos e pontos de interesse destacados. A dinâmica dessa roda da conversa mesclava princípios freinetianos e freirianos: cada grupo contava o que havia de novo em suas pesquisas (“*Quoi de neuf?*” — de Freinet) e, em seguida dialogava com os colegas dos demais grupos e comigo acerca dos saberes e aprendizados que essas novidades significavam para sua formação no campo da Educação Infantil (“*Círculo de cultura*” — de Paulo Freire). Somente ao final da aula de terça-feira é que os grupos me entregavam as fichas para elaboração de um portfólio de acompanhamento e avaliação dos trabalhos de todos os grupos.

Nesse trabalho didático, os alunos aprenderam técnicas — que foram bastante problematizadas e relativizadas para que pudessem aplicar no Ensino Básico — elaboradas por Freinet e Freire: os “cantos de interesse” em que cada grupo descobria a cada segunda-feira seu “tema gerador” e a “roda da conversa” na qual os grupos apresentavam suas novidades e em seguida debatiam-nas no “círculo de cultura”, que utilizávamos para socializar os pontos principais dos estudos de cada grupo com o restante da sala.

A avaliação da turma — com relação à metodologia utilizada na disciplina — foi muito positiva. A maioria dos discentes afirmou ter aprendido com prazer os conteúdos e valores da disciplina, afirmando pretender utilizar as mesmas técnicas em aulas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

AULA PASSEIO

No transcorrer do semestre letivo, a partir de debates e discussões tramados em torno do tema “inclusão escolar”, a turma solicitou realizar algum trabalho prático relativo à questão do atendimento às crianças com necessidades especiais, em especial, de deficiências.

Propus que discutíssemos num “círculo de cultura”, de modo que encontrássemos coletivamente uma maneira de realizarmos o que a turma vinha solicitando.

Uma das alunas sugeriu que fôssemos visitar a Biblioteca de São Paulo que, segundo ela, era “muito moderna e bem preparada para atendimento a portadores de necessidades especiais.” A turma aprovou a ideia e marcamos de visitar a Biblioteca de São Paulo numa terça-feira, levando como tarefa a observação das condições de acessibilidade e de atendimento aos deficientes em geral.

Aproveitei a oportunidade para aplicação da técnica Freinet conhecida como “aula passeio”, que alguns educadores preferem chamar de “aula de descobertas”³.

Uma semana antes da data escolhida para realização de nossa atividade, visitei a Biblioteca de São Paulo — localizada junto ao Parque da Juventude, que ocupa o espaço que servira como sede do demolido presídio do Carandiru, na Zona Norte da Cidade de São Paulo. Verifiquei que, de fato, a biblioteca dispunha de boas condições de acessibilidade, além de toda uma ala destinada ao atendimento de portadores de deficiência visual, com tradução de livros e revistas para Braile, tecnologia de ampliação de textos e ilustrações etc. Visitei toda a biblioteca e me informei acerca do atendimento a visitas de estudantes universitários.

Na data marcada, fui com a turma para a Biblioteca de São Paulo. Saímos juntos da Faculdade e fomos caminhando pelos cerca de nove quarteirões que separam a instituição de ensino da biblioteca. No caminho fomos conversando acerca das características do bairro e da importância de realizarmos uma atividade externa. Os alunos comentaram o quanto uma atividade insólita como aquela deveria se transformar em lugar comum nas atividades de aprendizado em todos os níveis de ensino, pois despertava o interesse e a vontade de interagir dos educandos.

Na biblioteca foi possível que se realizasse uma série de observações, não somente a respeito das questões de acessibilidade para os portadores de necessidades especiais, como, também, do atendimento às crianças em geral. Além disso, alguns alunos estavam visitando uma biblioteca pública pela primeira vez em suas vidas, apesar de já estarem cursando o segundo ano de um curso universitário.

³ A nomenclatura “aula passeio” parece incomodar muitos educadores. Consideram difícil explicar aos pais e à coordenação pedagógica que seja “possível” ensinar e aprender algo às crianças durante uma atividade de passeio. Por isso acabaram optando pela nomenclatura “aula de descobertas”.

Tiraram-se muitas fotos, fizeram-se várias perguntas aos funcionários da biblioteca e, na volta à faculdade, realizamos uma roda da conversa seguida de círculo de cultura com debates para abordagem do tema que nos levara a realizar a aula passeio. Posteriormente, cada grupo preparou uma ficha com a descrição da atividade e uma avaliação sobre a importância de atividades extraclasse na formação dos alunos da Educação Básica e do Ensino Superior. Por falta de oportunidade, devido a um calendário de aulas extremamente apertado, não realizamos outras aulas passeio, mas a experiência mostrou-se muito proveitosa, de modo que passei a utilizá-la muito mais com as aulas de pedagogia e pós-graduação nos semestres e módulos letivos que se seguiram.

PRODUÇÃO DE TEXTO LIVRE E CORREÇÃO COLETIVA

No primeiro semestre de 2011, na disciplina Didática, utilizei uma adaptação das técnicas de produção de texto livre e, posteriormente, correção coletiva, desenvolvidas por Freinet em meados da década de 1920. Para tanto, solicitei que os alunos realizassem um levantamento com indicação dos autores da Pedagogia que julgassem que deveriam ser estudados na disciplina. Expliquei aos alunos que eu já tinha uma relação de autores que deveriam ser abordados, mas que naquele momento gostaria de saber quais autores despertavam seus interesses e o quanto já conheciam deles, para, em seguida, apresentar minha relação e propiciar uma comparação com a relação dos alunos, com a possibilidade de abordarmos algum autor que fosse considerado importante por eles e que não estivesse na minha relação.

A partir da “leitura de mundo” dos alunos — acerca do conhecimento de autores da didática —, realizamos, docente e discentes, uma roda da conversa seguida de um círculo de cultura, por meio do qual elaboramos um plano de trabalhos para distribuição dos temas entre os grupos em que dividimos a turma. Dois autores que faziam parte da minha relação apareceram nas falas de vários alunos: Comênio e Rousseau.

Para utilização destas técnicas, reservei um laboratório de informática para que ficasse à disposição dos alunos em todas as aulas de Didática, caso viessem a precisar

pesquisar ou sistematizar algo. Elegemos alguns textos básicos para o aprendizado de Didática, a partir dos quais cada grupo deveria partir para novas buscas e investigações.

A turma escolheu a *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, como primeira obra a ser estudada. O aprendizado das técnicas de produção de texto livre e correção coletiva, por parte dos discentes, deu-se a partir dessa leitura.

Os alunos leram o primeiro capítulo da obra e discutiram comigo os conteúdos, valores e significados abordados pelo autor. Depois, cada grupo se reuniu com a tarefa de produzir um texto pequeno, com o tamanho de duas a três laudas, a respeito do trecho lido. Esse pequeno texto foi digitado e enviado por e-mail para toda a turma, de modo que cada aluno recebeu uma cópia de cada um dos textos produzidos pelos diferentes grupos.

Combinamos que os grupos poderiam escrever utilizando o gênero literário que preferissem, valendo texto jornalístico, discursivo, poético e assim por diante.

No laboratório de informática, combinamos a ordem de textos a serem lidos e corrigidos. Todos abríamos na tela do computador o mesmo texto combinado e o líamos juntos, na íntegra, para conhecermos seu teor. A seguir, relíamos linha a linha, sugerindo ao grupo de autores as correções e modificações que julgássemos importantes. Todos podiam sugerir correções e mudanças — inclusive o professor —, mas para que o texto fosse modificado era necessária a anuência dos autores. Por meio dessa técnica foi possível que todos os alunos tomassem ciência da produção de cada um dos grupos da sala.

Após esse trabalho de produção de um texto livre a respeito de um mesmo tema, reunimos os grupos na sala de aula para que cada um escolhesse um autor com que trabalhar, de modo a pesquisar e produzir um pequeno texto — nos mesmos moldes do texto produzido acerca da *Pedagogia do oprimido* —, para posterior correção coletiva.

Cada grupo pesquisou e produziu um texto acerca de cada um dos seguintes autores: Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Locke, Wallon, Whitehead, Makarenko e Dewey. No laboratório de informática os grupos realizaram suas pesquisas sob minha orientação e constante problematização. Em seguida, prepararam um texto de cerca de

três laudas para correção coletiva que, realizada em conjunto com toda a turma, possibilitou que se dessem a conhecer os pontos centrais das ideias de cada um desses autores⁴. A pedido dos alunos, aproveitamos a correção coletiva para aplicarmos as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) a cada um dos textos, o que serviu como instrumento de apropriação das formalidades nas normas acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DESSAS EXPERIÊNCIAS

A aplicação dessas técnicas nas aulas de disciplinas do curso de Pedagogia desencadearam diferentes olhares e considerações por parte dos alunos a elas submetidos.

Alguns adoraram as técnicas e a maneira como as disciplinas foram ministradas. Outros consideraram que o que tiveram “não foi aula”, e chegaram a se queixar com a coordenação da faculdade, alegando que o professor “estava enrolando ao invés de ensinar”. No geral, entretanto, pela reação de mais de 80% dos alunos das classes onde as técnicas aqui apresentadas foram utilizadas, foi possível verificar que a aprendizagem, tanto do conteúdo determinado pela ementa da disciplina, quanto das técnicas *modernas* de ensino foram apropriadas pelas turmas.

69

ENTRE OS ALUNOS DA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Em cursos de pós-graduação, a utilização de técnicas da Escola Moderna e princípios educativos freirianos também têm apresentado excelentes resultados. Animado pelo sucesso alcançado no curso de graduação, resolvi experimentar e observar o desenvolvimento de aulas diferentes com alunos do curso de especialização em Gestão Educacional e em Docência no Ensino Superior.

As disciplinas com que trabalhei com os alunos desses dois cursos, foram “Didática no Ensino Superior”, para a turma de Gestão Educacional, e “Pesquisa no Ensino Superior”, para os alunos de Docência no Ensino Superior.

⁴ Os pequenos textos de até três laudas não davam conta, obviamente, de qualquer aprofundamento nas ideias dos autores estudados, mas com a mediação do docente, pôde-se destacar os principais e mais importantes aspectos dos pensamentos estudados em debate com a turma toda.

A partir de um mesmo princípio dialógico, numa e noutra disciplina foi possível desdobrar em bons resultados as técnicas utilizadas.

Cada disciplina do curso de pós-graduação em que trabalhava conta com dez encontros de quatro horas de duração cada um. No decorrer do módulo de Didática no Ensino Superior, como preparação para a leitura de um texto de Pierre Bourdieu (1998, p. 65-79) sobre o capital cultural, organizei um círculo de cultura com os alunos e passamos a discutir, a partir de seus conhecimentos, a noção de capital cultural. Para a aula seguinte, os alunos leram o texto combinado e realizamos uma roda da conversa para que cada um contasse o que havia encontrado de novo em sua leitura.

A atividade despertou muito interesse e, dentre outros assuntos, dialogamos acerca da importância da apreensão dos bens culturais dos mais diversos tipos por parte de educadores e educandos, além da obrigação da escola, por meio dos educadores, oferecer condições para que os educandos acessem ao mundo da cultura de maneira ampla e profícua. Os alunos comentaram que seria fundamental para a formação dos estudantes, que pudessem conhecer e se apropriar da cultura popular, do folclore, das artes contemporâneas em geral e também da arte erudita. Compreenderam que essa apropriação, mais que um dever da escola, é um direito de todas as pessoas.

Recomendei que a turma pensasse numa maneira de materializarmos as ideias com que estávamos trabalhando, de modo que pudéssemos experimentá-la. Rapidamente a turma se pôs a sugerir diferentes atividades que poderiam ser realizadas, como cine-debate, participação em festas típicas, visita a museus, frequência a espetáculos teatrais e musicais etc.

Sugeri ao grupo, então, que na semana seguinte realizássemos a experiência de irmos juntos assistir a um espetáculo teatral no Centro Cultural São Paulo, visando a dois objetivos para nossa disciplina: primeiro a apropriação cultural que uma atividade daquele tipo nos proporcionaria, segundo pensar a partir do espetáculo teatral se seria interessante e possível realizar uma atividade do mesmo tipo com os alunos das diferentes áreas e, em caso positivo, levantar as possíveis aprendizagens realizadas.

Unanimemente os alunos aprovaram a ideia. Consultamos a programação do Centro Cultural São Paulo e marcamos a próxima aula na porta da sala de espetáculos, onde assistiríamos a uma peça teatral que retratava a vida das meninas prostitutas que trabalham na Praia da Iracema, em Fortaleza, apresentada por um grupo teatral daquela cidade do estado de Ceará.

Na semana seguinte, no horário combinado, nos encontramos no Centro Cultural para assistirmos à peça de teatro. Por se tratar de atividade cultural, um dos alunos levou o filho adolescente e duas alunas levaram os namorados. Muito divertida, ao mesmo tempo em que dramática, a peça agradou muito. Na saída do teatro conversamos um pouco. Recomendei que lessem, para animar nossas reflexões, um texto de Antonio Candido chamado “O direito à literatura” (CANDIDO, 2004). Me comprometi em enviar o texto por e-mail para toda a turma e nos despedimos.

Na aula ulterior, numa roda da conversa, logo no início, cada um falou um pouco de sua experiência no Centro Cultural São Paulo. Todos os estudantes consideraram a atividade muito interessante para ser realizada com alunos de suas áreas de atuação. Alguns alunos demonstraram admiração por perceberem que haviam aprendido “muito mais naquela aula fora da faculdade do que nas aulas ‘normais’ de cada semana”. Outros trouxeram planos de aula montados, pensando em como aplicar aquela técnica em sua área de trabalho: dois alunos formados em Letras consideraram a importância de realizar uma aula com os alunos assistindo peças de teatro em inglês, enquanto que o grupo de enfermagem ponderava realizar visitas a exposições de esculturas para trabalhar questões ligadas ao corpo e à sexualidade, com o que uma professora de Biologia se entusiasmava e considerava uma ótima ideia para ser aplicada com seus alunos do Ensino Médio.

Valendo-me do debate intenso do momento, aproveitei para contar um pouco a respeito das experiências que conhecia e as com que já havia trabalhado nas minhas aulas de graduação. Vários alunos acabaram solicitando indicações bibliográficas para apoio de seu aprendizado e na avaliação do curso manifestaram a vontade de continuar aprendendo por meio das técnicas que utilizamos e outras mais que pudéssemos produzir em conformidade com as necessidades e anseios dos alunos do Ensino Superior.



Com a turma do curso Docência no Ensino Superior, aproveitei o tema da disciplina — Pesquisa no Ensino Superior — para aprofundar a utilização das técnicas e princípios de Freinet e de Freire.

O grupo de alunos era formado por profissionais de áreas bem diversificadas. Havia enfermeiras, advogados, professores de língua estrangeira, jornalistas, historiadores, administradores de empresa, engenheiros, profissionais da moda e da gastronomia. Iniciei o curso abordando, diretamente, a ideia de Paulo Freire, acerca do caráter investigativo da profissão docente, apresentando seus argumentos contidos no livro *Pedagogia da autonomia* (2006). Freire (2006, p. 29) afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” e acrescenta uma nota explicativa em que pondera:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 2006, p. 29)

Em seguida a uma breve exposição sobre a ponderação de Paulo Freire, realizamos um círculo de cultura em que cada educando se colocou a respeito de sua compreensão do assunto, de modo que chegamos ao que Freire chamaria de “leitura do mundo” acerca do significado da expressão “professor pesquisador”.

O senso comum e os estudos aligeirados oferecidos nos cursos de graduação da maioria dos estudantes da turma se fizeram sentir fortemente na discussão. A concepção de pesquisa presente entre a maioria dos alunos era a de pesquisa de mercado, de audiência de programas de rádio e televisão, de preferências eleitorais. Do grupo de vinte e um alunos, apenas dois pensavam em pesquisa como meio de investigação para obtenção de descobertas e novos conhecimentos de caráter científico, artístico, literário.

Baseado na técnica “aula passeio — aula de descobertas” de Freinet, propus à turma que experimentássemos realizar uma expedição investigativa em que fosse possível testar algumas técnicas e metodologias bem simples de pesquisa. Como nossas aulas se realizassem aos sábados pela manhã, com a anuência da turma, pedi que todos viessem

na semana seguinte com roupas confortáveis e sapatos bons para caminhar, pois iríamos realizar a expedição investigativa no bairro da Liberdade, bem próximo — por metrô — da instituição educacional.

No sábado seguinte, ansiosos, todos chegaram cedo. Pedi que formassem três grupos, de modo que eu pudesse entregar uma pergunta exploratória para cada um. Com os grupos formados, expliquei que entregaria uma pergunta diferente a cada um deles e que, a partir daquela pergunta é que se dariam as investigações. As perguntas eram as seguintes: 1. Quais os sabores desse lugar? 2. Quais os cheiros desse lugar? 3. Quais as cores desse lugar?

Em seguida partimos para o metrô e seguimos até a estação Liberdade, onde nos separamos, cada grupo em uma direção, na busca de respostas para a tarefa a cumprir. Todos andaram muito. Tentei acompanhar um pouco cada grupo, com o que pude perceber o interesse e o empenho com que se dedicaram a responder as perguntas de pesquisa. Conforme o combinado, voltamos a nos encontrar às 11h45 na estação do metrô para retornarmos à faculdade, onde os alunos teriam aulas de outra disciplina no período vespertino.

Na terceira aula da disciplina, cada grupo apresentou suas respostas à questão que levava como pergunta de pesquisa ao bairro da Liberdade.

O primeiro grupo, cuja pergunta era “quais os sabores desse lugar?”, apresentou respostas variadas, que envolviam desde sabores relacionados à culinária oriental — o bairro da Liberdade é o bairro oriental de São Paulo, com forte presença de japoneses e descendentes, além de chineses e coreanos — até as metáforas relacionadas às respostas obtidas a partir de entrevistas que realizaram com moradores do bairro, como “sabor de saudade” ou “sabor de quero mais”.

O segundo grupo, a partir da pergunta “quais os cheiros desse lugar”, também apresentou o resultado de observações bem variadas, envolvendo também a questão da culinária oriental, com seus cheiros característicos, o mal cheiro de algumas ruas com acúmulo de lixo e o “cheiro de corrupção” percebido na maneira como ocorria uma

fiscalização da prefeitura com vendedores ambulantes sem licença que comercializavam seus “trecos” e “badecos” pelas calçadas do bairro.

O terceiro grupo, por iniciativa própria, apresentou suas respostas por meio de uma linguagem teatral à pergunta “quais são as cores desse lugar?”. Em sua dramatização apresentou respostas que englobavam desde a cor vermelha, muito presente nos símbolos e bandeiras orientais, além das luminárias vermelhas características do bairro, até a “cor da alegria da vida nova”, sugerida por um morador entrevistado pelo grupo.

Em nossa roda da conversa, cada aluno falou das novidades vividas na experiência realizada e os destaques ficaram por conta, principalmente, das perguntas exploratórias “muito abertas” que haviam sido apresentadas a cada grupo. Depois de dialogarmos demoradamente sobre os pormenores daquela experiência, expliquei que a pergunta bem aberta era proposital. Tinha por objetivo levar cada grupo a pensar na importância da elaboração de uma boa pergunta de pesquisa. Conversamos bastante sobre o que vem a ser uma boa pergunta de pesquisa e passei como tarefa de casa a elaboração individual de uma boa pergunta de pesquisa para aquela atividade, por meio da seguinte questão: “Se você tivesse que realizar uma pesquisa no Bairro da Liberdade, a partir de sua área de atuação profissional, pensando em sua formação docente, que pergunta você elaboraria para sua pesquisa?”

Na aula seguinte, os grupos se reuniram em três círculos de cultura em que discutiram cada uma das perguntas elaboradas por seus membros. Em seguida, formamos uma roda da conversa em que um relator de cada grupo expôs o trabalho em seu círculo de cultura e, em seguida, cada estudante apresentou sua pergunta elaborada em casa e, em vários casos, reelaborada no círculo de cultura da primeira parte da aula.

Como tarefa para a próxima aula, pedi que cada indivíduo procurasse pesquisar em diferentes fontes as respostas à sua pergunta. Solicitei que me entregassem por escrito as respostas encontradas de modo que pudéssemos ir registrando a experiência com as técnicas e metodologias que estávamos utilizando bem como a avaliação com relação ao trabalho realizado.

Nas semanas que se seguiram, aprofundamos o significado de pesquisa, de investigação, de metodologia de pesquisa, de tipos de pesquisa. Na antepenúltima semana de aula da disciplina, pedi aos alunos que na penúltima aula viessem novamente com roupas e calçados confortáveis para que voltássemos ao bairro da Liberdade para que agora, cada um com sua questão, pudessem, novamente, experimentar uma aula de descobertas. Dessa vez o trabalho seria individual e teria por objetivo testar as perguntas de cada um e as hipóteses apresentadas por escrito como resposta às investigações em diferentes fontes de pesquisa.

Fomos, novamente, à Liberdade. Máquinas fotográficas, cadernos e canetas em punho, cada um se empenhou em investigar as respostas para sua pergunta de pesquisa. Passamos a manhã toda perambulando pelas ruas e, exaustos, retornamos à faculdade no horário do almoço. Combinamos que na última aula da disciplina — a aula seguinte — cada um me entregaria suas descobertas por escrito e conversaríamos sobre todo o processo, avaliando-o e procurando resolver dúvidas e dificuldades.

Na última aula realizamos uma grande roda da conversa em que cada um expôs suas descobertas tanto com relação à sua pergunta de pesquisa quanto com relação à disciplina “Pesquisa no Ensino Superior”.

Os alunos conseguiram relacionar a ideia de professor pesquisador com a noção apresentada por Paulo Freire e demonstraram considerar importante a assunção de uma postura investigativa para a prática docente. Com relação às técnicas utilizadas nas aulas na faculdade e nas aulas de descobertas, apresentaram avaliação positiva, considerando surpreendentemente eficazes para o aprendizado dos conteúdos trabalhados tanto na nossa disciplina quanto em outras tantas disciplinas com eventualmente vierem a trabalhar como docentes.

PROCESSO PEDAGÓGICO ENQUANTO TRABALHO HUMANO

As experiências aqui apresentadas ilustram a potencialidade representada pela utilização das técnicas e princípios freinetianos e freirianos como processo pedagógico enquanto trabalho humano.

Mais do que se aproximar, pudemos verificar que os trabalhos de Célestin Freinet e de Paulo Freire se complementam quando utilizados no processo ensino-aprendizagem das instituições educacionais de Ensino Superior, logrando construir uma educação da melhor qualidade, capaz de responder aos anseios das classes populares a partir de uma concepção educacional que se apoia nos princípios de educação e trabalho humano como categorias fundamentais de suas construções.

Ao trabalhar com as crianças como professor primário, Freinet atuou como um propiciador de condições para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos a partir do trabalho útil realizado por meio de diferentes técnicas que se relacionavam com suas necessidades, seus desejos, seus anseios e, portanto, sua realidade.

Segundo Salomó Marquès e Raimon Portell (2008, p. 80), Freinet “propunha um ensino centrado na concepção da criança como membro da comunidade e fomentava a necessidade de se atuar sobre o meio e a necessidade de comunicação”.⁵ Essa concepção da criança como membro da comunidade é que o levava a entender seu interesse como interesse de classe, que engloba interesses e necessidades de crianças e adultos.

Tendo, pois, compreendido o interesse-do-aluno como interesse de classe, procurou aplicar em sua faina docente todo seu espírito de pesquisador e produtor de meios que visaram sempre a levar os alunos a quererem aprender, baseado num princípio da aprendizagem codificado por Vitor Paro ao argumentar que “*o educando só aprende se quiser*. Diante disso, o que há a fazer é buscar formas de levar o aluno a querer aprender. Para isso, é preciso que se levem em conta as condições em que ele se faz sujeito” (PARO, 2008, p. 30, grifos no original).

A relação entre educação e trabalho está tão evidenciada em toda sua obra, sua paixão pela educação primária funcionou como fio condutor para sua criatividade no que diz respeito a uma maneira de transformar os fazeres escolares no que Barreiro nomina “materialismo escolar” (BARREIRO, 1999, p. 15), propiciando ao processo pedagógico

⁵ Tradução livre do catalão. No original: “Proposava un ensenyament centrat em la concepció de l’infant com a membre de la comunitat i fomentava la necessitat d’actuar sobre el medi i la necessitat de comunicació.”

assumir plenamente as características de trabalho humano, tanto nos seus fazeres de mestre-escola, como nos fazeres de seus alunos.

Paulo Freire, por sua vez, em seu trabalho com adultos desenvolveu sua Pedagogia do oprimido que, mais do que o nome de seu livro mais conhecido, cristalizou-se como a pedagogia de sua vida, mesmo depois de seu retorno ao Brasil, quando, por exemplo, trabalhou na Administração paulistana como Secretário de Educação — durante a gestão da prefeita Luiza Erundina.

Seu empenho sempre esteve ligado ao estabelecimento de relações entre a realidade dos educandos, seu modo de compreendê-la, sua conscientização e sua libertação para que pudesse formular e dizer a sua palavra (FREIRE, 2000), ou seja, não mais conformar-se com sua situação de oprimido, mas, de maneira adequada à finalidade de sua transformação, realizar as atividades necessárias ao seu cumprimento.

Neste artigo falamos de um jeito diferente de educar que resgata o interesse do aluno como interesse de classe na implementação de uma educação popular. Fazer a diferença nas Instituições de Ensino Superior, ao meu ver, tem a ver com transformar o chato cotidiano escolástico de nossas faculdades e escolas em geral em um dia a dia criativo, participativo e alegre, sem abrir mão da qualidade da produção científica. Freinet e Freire são referências que nos auxiliam na tarefa de construção de uma outra educação no Ensino Superior para formação de cidadãos mais conscientes, coerentes e ativos.

77

REFERÊNCIAS

BARRERO, Herminio. Sobre Freinet y la escuela moderna. In: FREINET, Célestin. La escuela moderna francesa — Uma pedagogía moderna de sentido común – Las invariantes pedagógicas. 2. ed., Madri (Espanha): Morata, 1999.

BOURDEIEU, Pierre. Escritos de Educação. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CARVALHO, José Sergio. (Org.) Educação, cidadania e Direitos Humanos. p. 130-158, Petrópolis: Vozes, 2004.

FREINET, Célestin. Para uma escola do povo. Lisboa (Portugal): Editorial Presença, 1969.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação — Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia — Saberes necessários à prática educativa*. 33. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MARQUÈS, Salomó; PORTELL, Raimon. *Els mestres de la república*. 4. ed., Barcelona (Espanha): Ara Llibres, 2008.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

PERRELLA, Cileda. Joseph Jacotot: contribuição para a reflexão acerca do conselho de escola, In: PARO, Vitor Henrique (org.). *Administração escolar à luz dos clássicos da Pedagogia*. p. 91-112, São Paulo: Xamã, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.